

705

A "FORMAÇÃO DE PALAVRAS" NA VISÃO DOS GRAMÁTICOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI

José Rogério Fontenele Bessa

Ao prof. Dr. Celso Ferreira da Cunha, que nos soube transmitir o gosto por nossa tradição gramatical.

1 — INTRODUÇÃO

Ao discorrer sobre João de Barros e após afirmar que ele "é já um gramático antimedieval", diz-nos Maria Leonor Carvalhão Buescu:

A gramática moderna, normativa, aplicada aos falares actuais e nacionais, aparece-nos, por consequência, como uma das grandes criações renascentistas.¹

Acresça-se a isso que a obra de Fernão de Oliveira se situa em posição estratégica no que respeita à instauração da Filologia Portuguesa. Dos lingüistas do séc. XVI, quando começa a desenvolver-se uma atividade filológica em Portugal e a forjar-se uma mentalidade científica concreta, que compreende não só a descrição dos fatos do português, mas também um ufanismo lingüístico embasado em forte sentimento de nacionalismo político, cabe a Fernão de Oliveira, de fato e de direito, o mérito de haver sido ele o primeiro a esboçar a gramaticalização do português. Jamais devemos perder de vista esse fato.

Não valem como argumentos em contrário afirmações exteriores ao conteúdo de sua obra. Em geral, sobreleva-se a obra gramatical de Barros à de Oliveira e tem-se como um dos argumentos uma demonstração de modéstia que se insere na Dedicatória e no 'cólofon' da gramática do último. O atributo de 'primeira anotação', que Fernão de Oliveira confere a seu próprio trabalho, não constitui um argumento ponderável na avaliação das duas obras, porque se *A gramática da linguagem portuguesa* não constitui propriamente uma arte de gramática, é ela sem dúvida obra mais original que a de Barros.

Nosso intuito não é, no entanto, enaltecer as qualidades da obra de nosso mais antigo gramático. Isso é impossível no presente estudo, que se restringe a apenas um aspecto do pensamento lingüístico dos dois gramáticos. Nosso objetivo é empreender um estudo da teoria de formação de palavras na visão dos gramáticos portugueses do Renascimento e se, nesse particular, Fernão de Oliveira é mais original que João de Barros, sua própria obra lhe atestará esse atributo.

Para atingir esse objetivo, pretendemos:

- a) colher o testemunho dos lingüistas em apreço sobre a formação de palavras na língua do tempo;
- b) levantar a nomenclatura utilizada por eles para a denominação dos diferentes processos formativos;
- c) estabelecer termos de comparação entre a nomenclatura da época e a usada pela gramática contemporânea; e
- d) avaliar o grau de originalidade nomenclatória nos gramáticos quinhentistas, tendo como parâmetros o conceituário contemporâneo e a terminologia empregada na ascendência remota da tradição gramatical latina.

2 — LUGAR DA 'FORMAÇÃO DE PALAVRAS' NA GRAMÁTICA

Ao tratar do célebre "problema da prioridade da *Gramática da língua portuguesa*", Hernani Cidade, após avaliar os prós e contras documentados nas obras de João de Barros e Fernão de Oliveira, concede a honraria da prioridade ao primeiro e considera a obra do segundo como um "ensaio filológico", dizendo:

Na verdade, apesar do aparecimento, quatro anos antes, da obra de Oliveira, a sua era verdadeiramente a primeira gramática, ou seja, a primeira arte completa de ensinar as regras de bem falar e escrever a língua portuguesa. Nem Oliveira se gabara de ter sido o primeiro a pôr a nossa linguagem em arte. Contenta-se de declarar, na dedicatória a D. Fernando de Almada, ter feito uma 'primeira anotação', que se cifra "em dizer não tudo, mas apontar algumas partes necessárias da ortografia, acento, etimologia e analogia da nossa linguagem em comum e particularizando nada de cada dição, porque isto fica para outro tempo e obra". Ora uma 'primeira anotação' sobre assunto restrito da Gramática, sem formulação e disposição didática de regras, não se pode considerar uma arte de gramática, sendo antes um ensaio filológico, sobretudo desenvolvido na parte da fonética, por quem para ela tinha excepcionais aptidões de observador, servido por ótimo ouvido.²

A questão de saber a quem cabe a prioridade da primeira gramática portuguesa não é aqui muito relevante e, só por razões argumentativas, trazemo-la à baila. Entretanto, é necessário reconhecer-se que a validade dos argumentos utilizados é muito relativa. Hernani Cidade não é o único estudioso a perceber o caráter ensaístico da obra de Oliveira. M. Leonor Carvalhão Bueseu tem o mesmo ponto de vista:

A obra de Oliveira é, efectivamente, um conjunto de curiosas e judiciosas reflexões, de tipo ensaístico; em suma, uma miscelânea lingüística e cultural.³

Uma coisa é, portanto, perceber o 'caráter ensaístico' e outra, percebê-lo e, com base na inexistência de uma "formulação e disposição didática das regras", negar o atributo de 'gramática' à obra de Oliveira. O conceito de gramática é muito relativo e dele existem inúmeras definições. No Renascimento, é ela concebida como uma 'arte' e, como 'arte', pressupõe, na verdade, certo didatismo na ordenação e exposição dos assuntos.

Pretendemos no presente item de nosso estudo: 1) demonstrar que, vista sob ângulo diferente, a obra de Oliveira merece considerar-se como gramática; e 2) assinalar o lugar

da 'formação de palavras' na gramática de concepção renascentista.

* * *

Sempre justo e preciso no que afirma, ninguém define melhor que F. Rebelo Gonçalves o comportamento científico de nossos dois gramáticos. As palavras dele, que, a seguir, transcrevemos, têm a generalidade e síntese irrepreensíveis, só encontráveis em quem iluminou sua vida com o estudo percuciente e reflexões como esta que nos serve como motivação e argumento em vista do que tencionamos demonstrar e assinalar:

Como há de entender-se e definir-se a orientação doutrinária destes gramáticos?

O que primeiro sobressai, como já se esperava, dos seus escritos, é a observância geral das normas clássicas. Observância tam insistente e tam fiel que, não atingindo apenas as definições, vai tocar a própria ordenação e a substância maior das matérias.⁴

Em verdade, as obras gramaticais dos dois lingüistas portugueses do Renascimento têm em comum muitos pontos hauridos na tradição clássica. Os planos das duas gramáticas encerram quase os mesmos assuntos, entre os quais mencionamos: 'lêtera', 'sílaba' e 'diçam', que constituem expressamente as três primeiras partes da gramática de João de Barros e que, de forma evidentemente menos sistemática, são abordados também na de Fernão de Oliveira. A quarta parte da obra do primeiro é dedicada à 'construiçam', assunto que é tratado — de forma menos extensa por sinal — no penúltimo capítulo da de Oliveira. Há mais, portanto, uma diferença de tratamento dos assuntos do que de plano, o qual é, em Barros, mais ortodoxo no que respeita ao esquema do modelo clássico.

A propalada assistematização de plano da obra de Oliveira se deve possivelmente a uma divisão exterior que foge inteiramente do esquema seguido pelos gramáticos do tempo.

Lembremo-nos de que a gramática de Antônio de Nebrija segue, p. ex., a estrutura externa das obras de Varrão e Quintiliano, ao dividir-se em 'livros' e estes em 'capítulos'. A estrutura da gramática de Barros obedece antes a uma orientação doutrinária, que impõe certa ordem e seqüência no elenco dos assuntos. A de Oliveira segue, menos ortodoxamente, a orien-

tação doutrinária latina, mas, em linhas gerais, é ela seguida e a divisão da gramática em capítulos concorre para a falsa impressão de que a estruturação interna da obra é assistemática.

A menos que se levem em conta somente as repetições, a constituição da gramática de Oliveira apresenta, de fato, "o caráter ocasional e assistemático" notado por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Se examinarmos, entretanto, a obra em conjunto, constatar-lhe-emos a divisão em capítulos e a repartição destes por assuntos. Ao que nos parece, a composição da obra de Oliveira obedece a um ordenamento lógico e comparável ao seguido por Barros. E o que é mais importante: as duas gramáticas já esboçam, implicitamente, a divisão seguida pela gramática contemporânea, na forma como ilustramos através do seguinte diagrama.

PLANO DAS GRAMÁTICAS

F. de Oliveira	J. de Barros	contemporânea
Cap. VI-XVIII: tratam das letras;	1. ^a Parte: 'létera';	
Cap. XIX-XXVII: 'Das sílabas';	2. ^a Parte: 'sílabas'	Fonética
Cap. XXVIII-XXIX 'Do acento';		
Cap. XXX-XXXIX: 'Das dicções';		
Cap. XL-XLVIII: 'Da analogia';	3. ^a Parte: 'dicção';	Morfologia
Cap. XLIX trata da 'construção.'	4. ^a Parte: 'construção'.	Síntaxe

Fica assim demonstrado que, em matéria de plano, a obra de Oliveira não fica a dever muito à de Barros. Fato consabido embora, o diagrama expõe a divisão tripartida da gramática contemporânea do português e mostra que tal divisão acha-se já delineada nas gramáticas quinhentistas.

A divisão da gramática em 'fonética', 'morfologia' e 'síntaxe' é a que sugere a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), cujas orientações dão conta de que "a morfologia trata das palavras:

- a) quanto a sua estrutura e formação;
- b) quanto a suas flexões; e
- c) quanto a sua classificação.”⁵

Os assuntos a), b) e c) sugerem três subdivisões da morfologia, mas, na prática, isso não ocorre. Os itens b) e c) se imbricam e a) constitui uma divisão à parte, que não raro se divide em dois subitens, porque a ‘estrutura’ e ‘formação’ das palavras são estudadas em capítulos diferentes. O gramático Celso Ferreira da Cunha, p. ex., estuda-as sumariamente em um capítulo e dedica outro a ‘derivação’ e ‘composição’, onde desenvolve as observações sumárias feitas naquele.⁶

Se observarmos bem a estrutura dessa gramática contemporânea, constataremos que segue, em essência, as sugestões normativas da NGB e que a tríplice divisão não se mostra explicitamente, o que não significa, em absoluto, que a obra não trate de fonética, morfologia e sintaxe. Ora, atitude semelhante deparamos nos gramáticos quinhentistas. Há, de um para outro, apenas diferenças de tratamento no que se refere à ordenação da matéria. Não se pode, portanto, afirmar que a gramática do português quinhentista não trata de morfologia, só porque o termo não rotula explicitamente uma de suas divisões.

Na gramática renascentista, a ‘morfologia’ se anuncia através de outras denominações, como no-lo afirma Maria Leonor Carvalhão Buescu: “‘Etimologia’ ou ‘analogia’ designava, nos gramáticos antigos, o que mais tarde se chamou ‘morfologia’.”⁷ Em M. T. Varro (Varrão), p. ex., são a controvérsia entre ‘anomalia’ e ‘analogia’ (*De lingua latina*, Liv. VIII e IX) e a solução conciliatória formulada no Liv. X da mencionada obra que anunciam a morfologia.⁸

Em João de Barros, é o termo ‘dicâm’ que a nomeia e, em Fernão de Oliveira, ‘dicção’ e ‘analogia’ designam a parte da gramática contemporânea denominada ‘morfologia’. João de Barros, num gesto de insurreição contra a tradição clássica, rejeita o termo ‘etimologia’ e afirma:

Ao presente, leixádas totalas coriosidades e questões sem fru/to, digamos do Nome e das suas espécies, sem tratarmos da Etimologia dos vocabulos.⁹

A decisão metodológica de João de Barros tem como consequência um tratamento conjunto da formação, flexões e classificação das palavras. Em Fernão de Oliveira, esses tópicos

da morfologia não se confundem. Embora não proceda à classificação sistemática das palavras, como o faz Barros, Oliveira não indiscrimina entre 'formação' e 'flexões'. Estas são estudadas na maioria dos capítulos dedicados à 'analogia' e aquela em alguns dos consagrados às 'dicções'.

A gramática do português quinhentista não trata da 'estrutura' das palavras, tal como a concebe a gramática contemporânea, mas a 'formação' tem um lugar indiscutível. Difusa na obra de Barros, é abordada nos caps. XXX, XXXIV e XXXIX da de Oliveira, que, nos demais capítulos dedicados ao estudo das 'dicções', trata de importantes questões referentes ao léxico português de seu tempo, como veremos a seguir.

3 — SITUAÇÃO LÉXICA DO PORTUGUÊS QUINHENTISTA

Segundo a periodização estabelecida por Leite de Vasconcelos, Fernão de Oliveira e João de Barros pertencem ao 2.º período da história da Filologia Portuguesa, que se estende do séc. XVI a 1779. Esse período, caracteriza-o o filólogo assim:

preocupação, nos gramáticos, da semelhança da gramática latina com a portuguesa, ao que eram levados por influência dos humanistas da época do Renascimento, e como consequência inevitável do ensino nos séculos precedentes exclusivamente baseado no latim; disciplina e autoridade gramaticais; o estudo cada vez mais profundo da lexicologia; e sentimento patriótico da superioridade da língua portuguesa em face das outras, principalmente da castelhana, sua concorrente temível.¹⁰

Das características do período só nos interessa, no momento, a que diz respeito à lexicologia, sobre que ainda o mesmo Leite de Vasconcelos afirma:

Ao lado da análise gramatical da língua estava a lexicologia: era pois natural que as tentativas que se fizeram no período precedente, como vimos (código de Alcobaça n.º 404), fossem prosseguidas com maior afinco. O mais antigo dicionário ou vocabulário impresso que se conhece é o de Jerônimo Car-

doso, ainda muito singelo, e que trás adiante dos vocábulos portugueses os que em latim lhes correspondem no sentido.¹¹

Deixando-se de lado as demais contribuições lexicográficas — todas do séc. XVII — que o filólogo menciona no esboço de seu estudo da história da Filologia Portuguesa, havemos de admitir que não se terá um conhecimento satisfatório da situação do léxico do português do séc. XVI, se levarmos em conta apenas o singelo dicionário de Jerônimo Cardoso.

Feitas essas considerações, queremos chamar a atenção dos especialistas em estudos do léxico português quinhentista e dos séculos anteriores (XV principalmente) e posteriores para a importância da contribuição e testemunho dos gramáticos portugueses do século dos Descobrimentos. Os estudos lexicográficos existentes sobre o português quinhentista limitam-se ao recenseamento de palavras documentadas em obras não gramaticais do tempo. Os verbetes dos glossários de edições críticas, em geral e quando muito, possuem uma estrutura de informação limitada à significação, abonação e localização das palavras.¹² Menos satisfatórios, porém não sem méritos, porque, de algum modo, já reconstituem a memória lexical de nossa língua, são os estudos de escopo restrito à simples disposição alfabética dos itens léxicos.

Defendemos aqui, portanto, o ponto de vista de que os verbetes, para serem satisfatórios, devem conter informações, ainda que sumárias, sobre a estrutura e formação das palavras. O exame de obras lexicográficas marcadas pelas insuficiências acima mencionadas dá a impressão de que o léxico do português de há cinco ou mais séculos era constituído exclusivamente ou quase por lexias simples.

Não sabemos se, para o levantamento de tais lexias, contam os lexicógrafos com critérios previamente estabelecidos. Depois, são insuficientes os critérios pessoais e de ordem subjetiva. É necessário, em tais casos, antes recorrer aos princípios de uma disciplina rigorosamente científica como a Lexicologia Diacrônica. De outro modo, não há como identificar nos textos as unidades léxicas da língua em determinada sincronia. É preciso, sobretudo, admitir-se que nem sempre as unidades lexicais coincidem ou se identificam com as unidades gráficas.¹³

Temos a quase certeza de que, entre os brasileiros, isso não se tem feito e nem mesmo o testemunho dos gramáticos portugueses quinhentistas se tem levado em consideração. No presente item e nos subseqüentes deste estudo, onde expomos

e comparamos não só as teorias desses gramáticos concernentes à formação de palavras, mas ainda essas teorias com a vigente na tradição gramatical contemporânea, demonstramos a importância da contribuição dos linguistas do séc. XVI para um conhecimento menos superficial do léxico português na sincronia em questão.

As possíveis originalidade e subserviência de nossos gramáticos quinhentistas, aspectos com os quais nos ocupamos no item 5, não devem ser invocadas como questões relevantes ante uma decisão favorável ou contrária à reivindicação que acima fazemos. O fator ponderável deverá ser a teoria gramatical em si, que se acompanha de uma documentação considerável e relativamente abundante dos fatos.

A gramática de Fernão de Oliveira,¹⁴ a esse respeito, mostra-se uma fonte mais exuberante que a de João de Barros e a classificação das dicções se acompanha de um repertório de dados que deve interessar aos lexicógrafos, em geral, e àqueles que lidam com fenômenos do léxico e da semântica do português quinhentista.

Embora adapte para a sua língua as lições da tradição clássica, Fernão de Oliveira nos dá uma idéia da situação léxica do português do séc. XVI. Suas informações dão conta de neologismos, empréstimos, arcaísmos, vocábulos nativos e usualismos léxicos de uma forma admirável. A seguir, expomos e comentamos o conteúdo dos capítulos que tratam dos tópicos que acabamos de enumerar.

(I) *Cap. XXXI:*

Trata das 'dicções nossas', i. é., dos vocábulos nativos e apresenta informações referentes a uma datação aproximada de certas dicções (ex.: 'capa-pele'). Dá ainda explicações referentes à formação de algumas (ex.: 'Aveiro'). Outras, tais como: 'mulher' e 'velho', relacionadas com 'mole' e 'viu muito' respectivamente, são explicadas possivelmente através do estabelecimento de relações, quando não total e absolutamente espúrias, pelo menos fantasiosas e espúrias na sincronia do português contemporâneo. Não raro, entretanto, F. de Oliveira estabelece relações que ou imprimem uma motivação lexical a pares de itens léxicos (ex.: 'antigo-antes' e 'passaropassa voando') ou, na realidade — quem sabe! —, expressam a intuição dos falantes do tempo. Camões, o poeta contemporâneo do gramático, mostra-se useiro e vezeiro na prática da restituição etimológica aos vocábulos, como já o demonstraram Jacinto do Prado Coelho e Sílvio Elia.¹⁵

(II) *Cap. XXXII:*

Versa sobre as 'dicções alheias', i. é., sobre empréstimos, de que fornece alguns exemplos: 'picote', 'alquice', não deixando de dar informações referentes aos significados desses termos. Apresenta a datação aproximada referente à importação do termo 'arcabuz'. A ressaltar, no cap., a postulação do gramático concernente a uma metodologia de pesquisa etimológica que, em teor, é quase a que, na Filologia moderna, procura detectar a origem e condicionamento histórico da palavra. 'Alheias', para Oliveira, não são apenas as palavras tomadas por empréstimo a outras línguas, mas também os termos 'argóticos', ou seja, as peculiaridades léxicas de cada profissão ou ocupação. Finalmente, o gramático reconhece a tendência de 'empréstimos' e 'termos argóticos' se incorporarem ao lastro lexical comum da língua, tornando-se, desse modo, o que denomina 'dicções comuns'.

(III) *Cap. XXXVI:*

Diz respeito às 'dicções velhas', ou seja, aos arcaísmos. Como exemplos cita: 'ruão', 'capa pele', 'compengar', 'nemi-chalda', 'acarão', 'samicas' etc. F. de Oliveira registra os significados de todas elas. Após expressar um ponto de vista de Quintiliano, faz uma observação que, apesar de inteiramente calcada no mencionado gramático latino, vale ainda como verdadeira 'norma' para os lexicógrafos modernos:

A limitação ou regra será esta: pela maior parte, que das dicções velhas tomemos as mais novas e que são mais vizinhas de nosso tempo, assim como também das novas havemos de tomar as mais antigas e mais recebidas de todos ou da maior parte.¹⁶

(IV) *Cap. XXXVII:*

Concerne às 'dicções novas', i. é., aos 'neologismos', que se conceituam, a exemplo do que ocorre às outras dicções. Deles, no entanto, se apresenta escassa exemplificação. A exemplo do que aconselha no que se refere aos 'arcaísmos', F. de Oliveira prescreve o bom senso e equilíbrio no uso dos 'neologismos'.

(V) *Cap. XXXVIII:*

Trata das 'dicções usadas', para o que, na ausência de melhor termo, propomos a designação de 'usualismos léxicos'. A conceituação de Oliveira não diz muito: "As 'dicções usadas' são estas que nos servem a cada porta, como dizem." (p. 97 da gramática.)

Se interpretamos corretamente o conteúdo do cap., as 'dicções usadas' são as palavras usuais, permanentes no léxico e vernáculos. Entre as 'dicções usadas', há as 'gerais', de que 'Deus, pão, vinho, céu e terra' são exemplos e há as 'particulares', que constituem os vocabulários de diferentes profissões e classes sociais (cavaleiros, lavradores, cortesãos e mercadores). Entre as 'particulares', F. de Oliveira inclui também as que, na época, constituíam diferenciações dialetais, pois diz:

Ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras, e os homens da Estremadura são diferentes dos de Entre Douro e Minho, porque, assim como os tempos, assim também as terras criam diversas condições e conceitos.¹⁷

Resumimos e complementamos todas essas informações com a TABELA 1, em que temos oportunidade de mostrar o que nos parece constituir uma verdadeira tipologia das dicções do léxico quinhentista. A originalidade ou não dos termos classificatórios de Oliveira pouco importa aqui e com ela já nos ocuparemos no item 5-. O que realmente vale é essa verdade: na importação de 'know-how', oriundo da tradição clássica, para a descrição dos fenômenos do léxico quinhentista, Fernão de Oliveira não apenas assume uma atitude codificadora, mas também dá o seu testemunho sobre o português do tempo.

O cap. XXXIX da gramática de Oliveira versa sobre as 'dicções próprias', 'mudadas', 'primeiras' e 'tiradas'. Este capítulo e os XXX, XXXIV e XXXV são os mais teóricos entre os que o gramático consagra às 'dicções'. Referir-nos-emos aqui, no entanto, somente à parte de XXXIX que trata das dicções 'próprias' e 'mudadas', uma vez que a elas dizem respeito as questões semânticas mais substantivas. As considerações de Oliveira, nesse particular, sugerem que devemos ter mais cuidado ao lidar com o léxico quinhentista, que incor-

TABELA 1

TIPOLOGIA DAS DICÇÕES DO LÉXICO QUINTENTISTA
SEG. F. DE OLIVEIRA

DICÇÕES NOVAS (neologismos)	DICÇÕES ALHEIAS (empréstimos)	DICÇÕES NOSSAS (vocábulos nativos)	DICÇÕES VELHAS (arcaísmos)	DICÇÕES USADAS (usualismos léxicos)
arcabuz (XXX,82)	acento (XXX,82)	castiçal (XXX,82)	abem (XXXVI, 95)	casa (XXX, 82)
bombarda (XXXVII, 96)	alcance (XXX, 82)	janela (XXX,82)	acajuso (XXXVI, 95)	céu (XXXVII, 97)
esbombardear (XXXVII, 96)	ditongo (XXX, 82)	panela (XXX,82)	acarão (XXXVI, 94)	corda (XXX, 82)
peita (XXX,82)	picote (XXX,82)		ajuso (XXXVI, 95)	Deus (XXXVIII, 97)
			algorrem (XXXVI, 95)	pão (XXXVIII, 97)
			a suso (XXXVI, 95)	renda (XXX, 82)
			capa pele (XXXI, 83) e (XXXVI, 94)	sisá (XXX, 82)
			compengar (XXX, 82) e (XXXVI, 94)	terra (XXXVIII, 97)
			nemichalda (XXXVI, 94)	vinho (XXXVIII, 97)
			ogano (XXXVI, 95)	
			ruão (XXX,82)	
			samicas (XXXVI, 94)	
			sicais (XXX, 82)	

pora não só palavras com sentido, ora apenas 'literal', ora apenas 'translato' ou 'figurado', mas também itens léxicos polissêmicos como é o caso de 'livro', também mencionado no capítulo XXX.

No que respeita à semântica, são ainda de particular interesse as considerações que F. de Oliveira tece, no cap. XXXV, em torno da relação que há entre 'dicções apartadas' e 'dicções juntas'. O nosso gramático, a esse respeito, chega a estabelecer uma classificação que dá conta dos diferentes tipos de relações semânticas que se verificam entre palavras 'simples' e essas mesmas palavras acrescidas de prefixo. A TABELA 2 dá uma idéia dessa tentativa de sistematização, a um tempo descritiva e classificatória, do fenômeno lingüístico em questão.

T A B E L A 2

ESPECIFICAÇÕES DAS RELAÇÕES	EXEMPLIFICAÇÕES
"mesma significação"	torvar (XXXV, 93) estorvar (XXXV, 93)
"quase semelhante"	guardar (XXXV, 93) resguardar (XXXV, 93) chegar (XXXV, 93) achegar (XXXV, 93)
"de todo diferente"	podar (XXXV, 93) apodar (XXXV, 93) pedir (XXXV, 93) impedir (XXXV, 93)
"não só diferente mas contrários"	fazer (XXXV, 93) desfazer (XXX, 93) andar (XXXV, 93) desandar (XXXV, 93)

Os termos designativos dos diferentes tipos de relações representam evidentemente reflexos de uma lingüística, cujas limitações hoje conhecemos e sabemos compreender.

Crê-se em méritos, portanto, Fernão de Oliveira em seu denodado esforço de construção de uma implementação teórica necessária à descrição dos fenômenos por ele observados na língua do tempo. Mas essa constitui questão a ser tratada no item 4-, a que, a seguir, passamos.

4 — A NOMENCLATURA QUINHENTISTA E A ATUAL

Tentaremos, no presente item, ser bastante objetivo. Por isso, exporemos, de saída, a nomenclatura atual, cuja referência básica, para nós, é a que se inscreve na NGB. Em seguida consideramos a quinhentista. Esse procedimento metodológico nos permitirá a comparação entre os dois sistemas

terminológicos. Convém ressaltar que, em função dos objetivos traçados para este estudo, a comparação se restringe aos sistemas de conceitos operacionais envolvidos na teoria de formação de palavras.

De ambos os lados, o conceituário se resume em uns poucos termos. O atual e o de Fernão de Oliveira são imediatamente comparáveis, porque são extremamente simples. O de J. de Barros, no entanto, é um pouco complexo em função de uma particularidade que diz respeito à minuciosa subclassificação dos 'derivados'.

Ao tratar da 'formação de palavras', a NGB não se ocupa, em princípio, com tipos de palavras, mas com os processos formativos gerais: a 'derivação' e a 'composição' e estipula que o primeiro comporta quatro subprocessos. Dessa maneira, a 'derivação' classifica-se em: 'prefixal', 'sufixal', 'parasintética' e 'regressiva'.¹⁸

Fernão de Oliveira, em preocupações manifestas com a classificação das palavras, não se ocupa com processos formativos, mas a nomenclatura por ele proposta inclui não só termos que hoje dizem respeito aos processos formativos, mas também termos que, na NGB, se reutilizam para a classificação de 'substantivos', 'adjetivos' e 'verbos' no que respeita à formação.¹⁹ A orientação doutrinária instalada na NGB diz que as classes de palavras em referência classificam-se, quanto à formação, em: (1) 'primitivos' e 'derivados'; e (2) 'simples' e 'compostos'. Parece faltar nessa duplicidade classificatória uma especificação que aluda a (1) e outra que mencione (2). Além disso, o reaparecimento de (1) e (2) em diversos lugares da gramática constitui um "bis in idem" taxonômico. Deixamos de lado essa implicação teórica e passamos a expor as posições de Oliveira e Barros.

Convém logo afirmar que não há coincidência de orientação doutrinária entre nossos dois gramáticos, de um lado, e entre estes e a NGB, de outro. É, no entanto, Fernão de Oliveira o que mais se afasta não só da orientação doutrinária contemporânea, como também da de seu tempo. A posição adotada por João de Barros é a que vige no Renascimento, mas como Fernão de Oliveira, não trata do que a NGB denomina 'estrutura das palavras'. Nos dois gramáticos, é diferente a nomenclatura respeitante ao que se pode considerar como 'formação de palavras'.

Para o nosso mais antigo gramático, as 'dicções' podem ser: 'primeiras', 'tiradas', 'apartadas' e 'juntas'. Esses conceitos se repartem em dois subsistemas de oposições:

TABELA 3

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
SEGUNDO FERNÃO DE OLIVEIRA

DICÇÕES PRIMEIRAS	DICÇÕES TIRADAS	DICÇÕES APARTADAS	DICÇÕES JUNTAS
ave (XXXI, 83)	Aveiro (XXXI, 83)	andar (XXX, 93)	desandar (XXXV, 93)
honrar (XXXIX, 100)	honrada (XXXIX, 100)	bombarda (XXXVII, 96)	esbombardear (XXXVII, 96)
livro (XXX, 82)	livraria (XXX, 82); li- vreiro (XXX, 82)	chegar (XXXV, 93)	achegar (XXXV, 93)
pele (XXXI, 83)	pelote (XXXI, 83)	conselhar (XXXV, 91)	aconselhar (XXXV, 91)
tinta (XXXIX, 100)	tinteiro (XXXIX, 100)	—	acorrer (XXXV, 91)
velho (XXXIX, 100)	velhice (XXXIX, 100)	—	desconcertar (XXXV, 91)
		—	encarregar (XXXV, 92)
		—	esguardar (XXXV, 92)
		—	espedaçar (XXXV, 92)
		—	estorvar (XXXV, 91)
		fazer (XXX, 82)	contrafazer (XXX, 82)
		fazer (XXXV, 90) e (XXXV, 93)	desfazer (XXXV, 90) e (XXXV, 93)
		fazer (XXX, 90)	refazer (XXXV, 90)
		guardar (XXXV, 93)	resguardar (XXXV, 93)
		parecer (XXXV, 91)	aparecer (XXXV, 91)
		pedir (XXXV, 93)	impedir (XXXV, 93)
		podar (XXXV, 93)	apodar (XXXV, 93)
		torvar (XXXV, 93)	estorvar (XXXV, 93)
		vender (XXXV, 93)	revender (XXXV, 93)

As duas oposições conceituais aparecem em diversos pontos da gramática e isso se verifica por razões doutrinárias de ordem clássica, que prescrevem a classificação das dicções quanto a seus acidentes. São, p. ex., acidentes do nome: 'Calidade', 'Espécie', 'Figura', 'Gênero' e 'Número'. Os acidentes 'espécie' e 'figura' constituem especificações denominativas das duas séries de oposições conceituais referentes à classificação das palavras no que diz respeito à formação. Como o 'pronome', o 'verbo', o 'advérbio' e a 'preposição' também conhecem acidentes, é natural que, na gramática de João de Barros, a formação de palavras ocupe diferentes redutos. Não será demais agora lembrar que esse procedimento metodológico é reeditado pela NGB, que, no entanto, não sugere especificações denominativas para as duas séries de oposições conceituais.

Para ilustrar melhor a exposição que acabamos de fazer, elaboramos a TABELA 4, com a qual não nutrimos a intenção de um levantamento exaustivo dos dados.

T A B E L A 4
FORMAÇÃO DAS PALAVRAS SEG. J. DE BARROS

A C I D E N T E S					
		'espécie'		'figura'	
		primitiva ou primeiro gerado	derivada	simples	compôsta
NOME	casa	caseiro	justo	arquibanco	guarda-pórta
	cidade	cidadám	—	morde-fuge	puxavante
	corte	cortesám	—	rede-fole	torçicólo
	—	—	—	—	tráspé
	—	—	—	—	—
PRONOME	eu, tu, si este, esse,	meu, teu, seu, seu, nosso	eu, tu, este, esse	eu mesmo tu mesmo	
VERBO	amo	desamo	conheço	desconheço	
ADVÉRBI O	muito, pouco	bem mal	bom máu	ontem	antontem
PREPO- SIÇÃO	NÃO TEM CLASSIFI- CAÇÃO			Class. part. qto. à figura	
				singéla	dobrada
	QUANTO A 'ESPÉCIA'			cerca	àcerca

Barros, em atitude que lembra a dos gramáticos contemporâneos, explica a formação dos nomes compostos constantes da TABELA 4 da seguinte forma:

Nós fazemos a nossa composição de duas, e, compondo um nome com outro, dizemos: rede-fole, de rede e fôle; arquibanco, de árca e banco. // Compondo vérbio e / nome dizemos: torçicólo, de torcer e cólo.

Compondo ü vérbio com outro dizemos: morde-fuge, de morder e fugir.

Compondo vérbio com avérbio dizemos: puxavante de puxár e àvante.

Compondo nome com preposição dizemos: tràspé, de trás e pé.

E per ésta maneira fazemos nóssas composições.²²

Essa afirmação de João de Barros é importantíssima, porque testemunha a vitalidade do processo formativo da composição já no séc. XVI. É o gramático atento aos fenômenos lexicais de seu tempo. Os modernos trabalhos de compilação lexicográfica do português quinhentista ganharão muito, se os especialistas da Lexicografia derem atenção à incipiente, mas já sábia contribuição lingüística dos gramáticos portugueses do séc. XVI.

5 — SUBSERVIÊNCIA E ORIGINALIDADE DA NOMENCLATURA

A terminologia gramatical da época do Renascimento é restrita, mas universal. É nesse tempo que florescem, no universo românico, as obras que ensaiam a codificação das chamadas línguas vulgares. A ciência lingüística de quinhentos, em todos os países do mencionado universo, não conta com outros modelos além dos deixados pela tradição clássica e nenhum empreendimento científico em torno de determinada língua deve passar despercebido aos olhos de qualquer nação.

Desse modo, são naturais dois tipos de influência: (a) a proveniente da herança clássica, que se exerce sobre todas as comunidades científicas; e (b) a oriunda de comunidade científica particular sobre outra. Fernão de Oliveira mostra claramente a influência que sobre ele exerceu a herança clássica. João de Barros, ao que parece, sofreu os dois tipos de in-

fluência, pois não há dúvida de que sua gramática segue o esquema latino e, no que respeita à classificação do que denomina 'derivados' há coincidências inacreditáveis entre suas conceituações e as de Antônio de Nebrija, como demonstraremos.

Vejamos, em primeiro lugar, a classificação que João de Barros apresenta para os 'derivados'. Para tanto, limitemo-nos à observação da TABELA 5.

T A B E L A 5

TIPOS DE 'DIRIVADOS'	CLASSES GRAMATICAIS ATINGIDAS P/CLASSIFICAÇÃO	
	N O M E S	V E R B O S
PATRONÍMOS	Fernandez < Fernando Gonçálvez < Gonçalo Nunez < Nuno	
POSSESSIVOS (incluem-se aqui os gentílicos)	crístám < Cristo luterana < Lutero algarvío < Algárve beiram < Beira	
DIMINUTIVOS	homenzinho < homem molhérzinha < molhér	choromingar < chorár batocar < bater
AUMENTATIVOS	velhacáz molherám	embranquecer < branquejár ennegrecer < negrejar
COMPARATIVOS (superlativos)	maior = máis grande menór = máis pequeno doutíssimo	
VERBAIS	amor < amár sospíro < sospírár choro < chorár infinitivos	
PARTICIPAIAIS	amador < amádo doutor < douto	
ADVERBIAIS	soberano < sobre avantaje < àvante forasteiro < fóra traseiro < atrás	arrematár < remate avantajar < àvante
DENOMINATIVOS		àrmár < ármás selár < séla

Convém notar que Antônio de Nebrija, a quem se atribui o título de primeiro gramático das chamadas línguas vulgares, classifica também assim os derivados, com a diferença de que, para ele, existem nove tipos de nomes derivados: 'patronímicos', 'possessivos', 'diminutivos', 'aumentativos', 'com-

parativos', 'denominativos', 'verbais', 'participiais' e 'adverbiais', e quatro de verbos derivados: 'aumentativos', 'diminutivos',²³ 'denominativos' e 'adverbiais'.²⁴ Como é fácil constatar, bastando, para tanto, percorrer a TABELA 5, João de Barros não considera os 'denominativos' entre os tipos de nomes derivados.

A par da coincidência classificatória no que respeita aos derivados, são ainda surpreendentes, entre os dois gramáticos, não apenas as correspondências nomenclatórias gerais, mas sobretudo as coincidências entre as conceituações que ambos apresentam para alguns tipos de derivados. Em alguns casos, até os exemplos são idênticos. A guisa de comprovação do que acabamos de afirmar, leia-se a seguinte tabela, em que algumas conceituações se põem em confronto.

T A B E L A 6

NEBRIJA	BARROS
1 Patronímicos nombres son aquellos que significan hijo o nieto o alguno delos decendientes de aquel nombre dedonde formamos el patronímico, cuales son aquellos que en nuestra lengua llamamos sobrenombres. [...] (LIB. III, cap. 3, p. 61)	Patronímico nome é aquele que significa filho, né/to ou descendente que tem o nome donde ó nós formámos e derivámos [...]. Outros muitos tem a nossa linguagem a que nós chamamos sobrenome, [...]. (DO NOME PATRONÍMICO, 303-4)
2 Diminutivo nombre es aquel que significa diminucion del principal dedonde se deriva, [...]	Nome diminutivo é aquele que tem alguma diminuição do nome principal donde se derivou [...]. (DO NOME DIMINUTIVO, 304)
3 Comparativo nombre se llama aquel que significa tanto como su positivo coneste adverbio 'mas'. (LIB. III, cap. 3, p. 62)	Comparativo nome é aquele que significa tanto como o seu positivo com este avérbio 'máis'. (DO NOME COMPARATIVO, 305)
4 Verbal nombre es aquel que se deriva de algun verbo, como de amar 'amor', [...]. (LIB. III, cap. 3, p. 63)	Chamamos nomes verbáes todos que se derivam de algum vérbio, como: de amár, amor; (DOS NOMES VERBÁES, 306)

Não se conclua do exposto que pretendemos, de uma parte, ressaltar a originalidade terminológica e conceitual no gramático castelhano e, de outra, a subserviência de João de Barros em relação àquele. Nebrija não é nada original, seja no que respeita à classificação em tela, seja no que se refere às conceituações dos tipos de derivados. Com exceção do

conceito de 'aumentativo' e respectiva conceituação, a cujo respeito Pascual Galindo Romeo e Luís Ortiz Muñoz asseveraram que "nada semelhante há nos gramáticos latinos", as outras especificações tipológicas e respectivas conceituações são, em essência, as mesmas do gramático latino Prisciano, como salientaram os já mencionados responsáveis pela edição do 5.º Centenário de publicação da *Gramatica castellana*.²⁵

Pelo que respeita a Fernão de Oliveira, podemos, ante as investigações que realizamos, afirmar que segue apenas a orientação doutrinária dos gramáticos latinos, sendo o Livro I do *De Institutione Oratoria*, de M. F. Quintilianus, sua principal fonte de inspiração. Mas não há como negar a manifesta influência que sobre ele também exerceu M. T. Varro, esse extraordinário gramático do início de nossa era. (V. TABELAS 7 e 8).

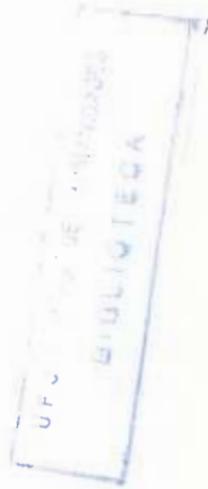
T A B E L A 7

M. T. VARRO	M. F. QUINTILIANUS	F. DE OLIVEIRA
Nomen co(m)mune (LIV. IX, § 89)	—	Comuns (XXX, 82 e XXXIII, 87-88)
Peregrina vocabula (LIV. V, §§ 70, 100, 103 e 167)	Peregrina (LIV. I, cap. 5, p. 25)	Alheias (XXX, 82 e XXXII, 85-87)
Propria nomina (LIV. VI, §§ 55 e 78)	Propria (LIV. I, cap. 5, p. 26-7)	Próprias (XXX, 82 e XXXIX, 99)
Verba aliena (LIV. V, § 10)	—	(Alheias)
Verba nostra (LIV. V, § 10); (X, § 71)	Nostra (LIV. I, cap. 5, p. 19)	Nossas (XXX, 82) e (XXXI, 82-85)
Vocabula nostra (LIV. VIII, § 65)	—	—
Verba oblivia (LIV. V, § 10)	—	Velhas (XXX, 82) e (XXXVI, 93-95)
Verba translaticia (LIV. VI, § 78)	Translata (LIV. I, cap. 5, p. 19-27)	Mudadas (XXX, 82 e XXXIX, 99)
Verborum novorum et veterum discordia (LIV. V, § 6)	Ficta (LIV. I, cap. 5, p. 19)	Novas (XXX, 82 e XXXVII, 95-97)
Verba ficta (LIV. V, § 9)	—	—
Vernacula verba vel vocabula (LIV. V, §§ 3, 77, 104)	—	—
Vetera vocabula (LIV. IX, §§ 20 e 22)	Usitata (LIV. I, cap. 5, p. 19 e 27)	Usadas (XXX, 82 e XXXVIII, 97-99)

TABELA 8

TABELA COMPARATIVA GERAL DOS CONCEITOS REFERENTES
AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

M. T. VARRO	M. F. QUINTILIANUS	A. DE NEBRIJA	F. DE OLIVEIRA	J. DE BARROS
Primigenia (verba) (LIV. VI, §§ 36-37)	— ,	Primogenito (LIV. III, cap. 3, 61)	Primeiras (dicções) (XXXI, p. 99)	Primitivo (nome) (DA ESPEÇIA DO NOME, 303)
Declinata (verba) (LIV. VI, § 37)	— ,	Derivado (LIV. III, cap. 3, 61)	Tiradas (dicções) (XXXIX, p. 100)	Derivado (nome) (DA ESPEÇIA DO NOME, 303)
Simplicia (verba) (LIV. VI, § 37; LIV. VIII, § 61 e LIV. IX, § 97)	Simplicia (LIV. I, cap. 5, 26)	Senzillo (LIV. III, cap. 6, 67)	Apartadas (dicções) (XXXIV, 89)	Simples (figura) (DAS FIGURAS DO NOME, 307)
Composita (verba) (LIV. VIII, §§ 61-62)	Composita (LIV. I, cap. 5, 26)	Compuesto (LIV. III, cap. 6, 68)	Juntas (dicções) (XXXV, 90)	Composta (figura) (DAS FIGURAS DO NOME, 307)



6 — CONCLUSÃO

As TABELAS 7 e 8 representam os resultados das investigações a que procedemos. Elas dizem muita coisa e poderíamos deixar as conclusões a cargo do leitor. Entretanto, é necessário que façamos algumas observações.

1 — João de Barros não se mostra original no que se refere à nomenclatura dos processos de formação de palavras. É impossível afirmar, com segurança absoluta, que tipo de influência sobre ele mais se exerceu;

2 — É preciso notar que a influência da tradição latina sobre Fernão de Oliveira conhece limites. No confronto das obras latinas com a do nosso gramático, não constatamos casos flagrantes de coincidências conceituacionais. As coincidências existentes dizem respeito apenas à nomenclatura, mas ainda assim as correspondências terminológicas, as que constituem as traduções dos termos latinos para o português, restringem-se aos casos estudados no item 3-, onde expusemos a contribuição de Oliveira no que respeita à codificação dos itens léxicos do português quinhentista. Fora isso, a nomenclatura respeitante aos tipos de formação de palavras se mostra original, confirmando a seguinte asseveração de Maria L. Carvalhão Buescu:

[...] um dos aspectos curiosos da obra de Oliveira consiste na adopção de uma nomenclatura original, muito expressiva e notavelmente inovadora (palavras apartadas e juntas, mudadas, primeiras, tiradas), a qual, aliás, não virá a ser utilizada pelos gramáticos posteriores.²⁶

3 — A referência constante por parte de Oliveira, aos termos empregados pelos gramáticos latinos nas definições dos mais diversos tipos de dicções, pode significar que o nosso gramático teve a intenção de chamar a atenção de seus contemporâneos para a originalidade de sua nomenclatura.

7 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 In: BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*; cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha. Reprod. facsim., leit., introd. e anot. Maria Leonor Car-

valhão Buescu. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971, p. XXXVII.

- 2 HERNANI CIDADE, João de Barros — o que pensa da língua portuguesa — como a escreve. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 11 (2): 281-303, 1950, p. 287.
- 3 BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Introd., leit. actual. e notas. In: OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1975, p. 20.
- 4 GONÇALVES, F. Rebelo. História da Filologia Portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 4 (1-2): 7, 1936.
- 5 Cf. CHEDIAK, Antônio José, org. *A elaboração da nomenclatura gramatical brasileira*. [Rio de Janeiro] Ministério da Educação e Cultura, 1960, p. 250.
- 6 Cf. CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*; de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970. 510 p. Cf. caps. 4 e 5, p. 54-61 e 62-84, respectivamente.
- 7 BARROS, João de. *Op. cit.*, nota de rodapé da p. 298.
- 8 É no LIV. X de sua obra que Varrão reconhece a existência da 'analogia' e adota a solução conciliatória a que nos referimos. O LIV. VIII contém argumentos contrários à sua existência e o IX traz os favoráveis a ela. Cf. KENT, Roland G. *Varron on the latin language*. London, William Heinemann & Harvard University Press, 1951. 2 v. 676 p. V., com especialidade, p. x. Sobre o autor latino e sua obra, há também o excelente estudo: COLLART, Jean. *Varron grammairien latin*. Paris, Société d'édition: Les Belles Lettres, 1954, fascículo 121, 375 p.
- 9 BARROS, João de. *Op. cit.*, p. 298-9.
- 10 VASCONCELOS, José Leite de. A Filologia Portuguesa e a Reforma do Curso Superior de Letras de Lisboa. In: ———, *Opúsculos*. Coimbra, 1929, v. 4, p. 865.
- 11 *Id. ibid.* p. 868. Do código em referência afirma L. de Vasconcelos: "O Cód. 404 é principalmente notável, e até tem, para nós Portugueses, maior importância do que todos os outros, porque é um dicionário de verbos latinos com a respectiva tradução portuguesa; a redacção dos termos em latim é talvez do século XIII, como já diz Fr. Fortunato de S. Boaventura, mas os termos portugueses foram acrescentados posteriormente, e por duas vezes, como se vê do carácter, e tinta da letra, — e isto ao que parece no século XIV ou começos do XV." *Ibid.*, p. 861.
- 12 O tipo de glossário que estamos a reivindicar encontra modelo ideal nos dois que acompanham as edições críticas de *O cancionero de Joan Zorro* (Rio de Janeiro, 1949) e *O cancionero de Martin Codax* (Rio

de Janeiro, 1956), elaboradas por Celso Ferreira da Cunha, esse filólogo antecipado no tempo, porque também excepcional lingüista.

- 13 Essa advertência 'mutatis mutandis' já se encontra em C. Muller. Cf. REY, Alain. *Le lexique: images et modèles*; du dictionnaire à la lexicologie. Paris, Armand Colin, 1977, p. 22.
- 14 Cf. OLIVEIRA, Fernão de. *Op. cit.*, acima nota 3, p. 81-101 ss.
- 15 Cf. ELIA, Sílvio. Etimologias de Camões em *Os Lusíadas*. In: ———, *Ensaio de filologia e lingüística*. 2. ed. ref. aum. Rio de Janeiro, Grifo; Brasília, INL, 1975, 364 p. (Col. Littera, 7) p. 270-92 e COELHO, Jacinto do Prado. Sobre a restituição da motivação lexical no português literário. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A., org. *Estudos filológicos: homenagem a Serafim da Silva Neto*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. 322 p. (Col. Biblioteca de Estudos Literários, 6) p. 89-93.
- 16 OLIVEIRA, Fernão de. *Op. cit.*, p. 95. Carvalhão Buescu, na nota 67 da ed. dessa obra, localiza o texto de Quintiliano, a que F. de Oliveira se refere, no LIV. I cap. 7 (Das Qualidades e Vícios do discurso), o que constitui ou um lamentável engano da parte de CB ou um grande lapso de editoração. Em primeiro lugar, o cap. 7 do LIV. I da obra de Quintiliano trata da 'Ortografia' e as 'qualidades e vícios do discurso' constituem tópicos do cap. 5. Em segundo lugar, o passo de Quintiliano referido por Oliveira localiza-se no cap. 6 ('Das palavras próprias e metafóricas, usadas e novas. Das quatro coisas, que constituem a linguagem'). O trecho a que Oliveira se refere é certamente este: "Verba a 'vetustate' repetita, non solum magnos assertores habent, sed etiam afferunt orationi majestatem aliquam, non sine delectatione"; LIV. I, cap. 6, p. 31 da ed. de Nisard. O trecho de Oliveira que traduz uma verdadeira 'norma lexicográfica' é calcado, como dissemos, em Quintiliano: "Ergo, ut novorum optima erunt maxime vetera, ita veterum maxime nova." LIV. I, cap. 6 p. 31. Citamos ainda pela ed. de Nisard (v. BIBLIOGRAFIA).
- 17 OLIVEIRA, Fernão de. *Op. cit.*, p. 98.
- 18 Cf. CHEDIAK, Antônio José. *Op. cit.*, p. 250.
- 19 Cf. CHEDIAK, Antônio José. P. 251, 252 e 254, respectivamente.
- 20 V. OLIVEIRA, Fernão de. *Op. cit.*, p. 82.
- 21 *Ibid.*, p. 90.
- 22 BARROS, João de. *Op. cit.*, p. 307-8.
- 23 NEBRIJA, Antônio de. *Gramatica castellana*. Texto estab. sobre 1 ed. 'princeps' de 1492. Introd. notas y facsim. Pascual Galindo Romeo y Luis Ortiz Muñoz. Madrid [s.ed.] 1946. V. 1, 303 p. Cf. LIB. III, cap. 3, p. 61.

- 24 *Id. ibid.*, LIB. III, cap. X, p. 75-6.
- 25 Veja-se: NEBRIJA, Antônio de. *Op. cit.*, notas do LIB. III, cap. 3, p. 260-262. No que diz respeito à contribuição classificatória dos 'derivados aumentativos' e a outros casos, aplica-se, com justeza, a afirmação de C. Buescu: "Formado dentro de um estrito classicismo, em comunicação intensa com os gramáticos da Antiguidade, Nebrija soube, contudo, ou tentou, em certos casos, limitar a sua subserviência em relação à lição antiga." Cf. BARROS, *op. cit.*, p. XLIII.
- 26 BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. In: OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 21. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1980.

8 — BIBLIOGRAFIA

1. BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*; cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha. Reprod. facsim., leit., introd. e anot. Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971, 482 p.
2. CHEDIAK, Antônio José, org. *A elaboração da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1960, 290 p.
3. COELHO, Jacinto do Prado. Sobre a restituição da motivação lexical no português literário. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de, org. *Estudos filológicos*; homenagem a Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, 322 p.
4. CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*; de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970, 510 p.
5. ELIA, Sílvio. Etimologias de Camões em *Os Lusíadas*. In: ———. *Ensaios de filologia e lingüística*. 2.^a ed. ref. aum. Rio de Janeiro, Grifo; Brasília, INL, 1975, 364 p. (Col. Littera, 7).
6. GONÇALVES, F. Rebelo. História da Filologia Portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 4 (1-2): 1-13, 1936.
7. HERNANI CIDADE. João de Barros — o que pensa da língua portuguesa — como a escreve. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 11 (2): 281-303, 1950.
8. KENT, Roland G. *Varro on the latin language*. London, William Heinemann & Harvard University Press, 1951, 2 v., 676 p.
9. NEBRIJA, Antônio de. *Gramatica castellana*. Texto estab. sobre la ed. 'princeps' de 1492. Introd. not. facsim. Pascual Galindo Romeo y Luis Ortiz Muñoz. Madrid [s/ed] 1946, v. 1 e 2, 303 p. e 151 p., respectivamente.

10. NISARD, M., dir. *Quintilien et Pline Le Jeune*. Paris, J. J. Dubochet, Le Chevalier & Garnier Frères, 1850, 806 p.
11. OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Introd., leit. actual. e notas Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975, 145 p.
12. REY, Alain. *Le lexique: images et modèles; du dictionnaire à la lexicologie*. Paris, Armand Colin, 1977, 307 p.
13. VASCONCELOS, José Leite de. A Filologia Portuguesa e a Reforma do Curso Superior de Letras de Lisboa. In: ———, *Opúsculo*. Coimbra, 1929, v. 4, p. 840-919.